



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação – Jornalismo

Orientador: Paulo Paniago

**Memória do livro “Touros, *tapas* e meias pretas –
Crônicas de uma brasileira em Sevilha”**

CARINA CASTRO ÁVILA

BRASÍLIA-DF

DEZEMBRO DE 2016

CARINA CASTRO ÁVILA

Touros, *tapas* e meias pretas – Crônicas de uma brasileira em Sevilha

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social.

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

Professor Orientador

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá

1º Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. David Renault da Silva

2º Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Martins da Silva

3º Membro da Banca Examinadora (suplente)

RESUMO

Esta memória de pesquisa expõe o processo de produção do livro *Touros, tapas e meias pretas – Crônicas de uma brasileira em Sevilha*. Composto por 39 crônicas, que juntas totalizam 189 páginas de conteúdo, este produto tem como objetivo apresentar Sevilha, quarta maior cidade da Espanha, e as peculiaridades que a tornam tão diferente do resto do mundo. A apresentação é feita por meio de crônicas que relatam o dia-a-dia da autora nas terras espanholas e as curiosidades e observações relativas à cultura sevilhana que a intrigaram, por irem de encontro com a cultura brasileira. Para melhor compreender as características da cidade, as crônicas também abordam a história da região e se aprofundam nos hábitos e costumes locais.

Palavras chaves: Sevilha, crônica, Espanha, cultura, jornalismo literário.

ABSTRACT

This research memory exposes the production process of the book *Bulls, tapas and black socks - Chronicles of a Brazilian in Seville*. Composed of 39 chronicles that together total 189 pages of content, this product aims to present Seville, Spain's fourth largest city, and the peculiarities that make it so different from the rest of the world. The presentation is made through chronicles that relate the day to day of the author in the Spanish lands and the curiosities and observations related to the Sevillian culture that intrigued her, because they come against the Brazilian culture. To better understand the characteristics of the city, the chronicles also explain the history of the region and deepen in local habits and customs.

Keywords: Seville, chronicle, Spain, culture, literary journalism.

ÍNDICE

| | |
|-------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 5 |
| 2. PROBLEMAS DA PESQUISA..... | 8 |
| 3. JUSTIFICATIVA..... | 9 |
| 3.1 Por que crônica?..... | 9 |
| 4. OBJETIVOS..... | 13 |
| 5. REFERÊNCIAS TEÓRICAS..... | 14 |
| 6. METODOLOGIA..... | 22 |
| 7. CONCLUSÃO..... | 26 |
| 8. REFERÊNCIAS..... | 28 |

1. INTRODUÇÃO

Sevilha é o retrato fiel da Espanha. Todos os estereótipos espanhóis famosos pelo mundo – flamenco; espanholas com vestidos compridos, flores nos cabelos, leques e castanholas nas mãos; touradas; ciganos; violeiros; restaurantes de *tapas* – estão presentes de maneira fortíssima nessa cidade que é a capital da comunidade autônoma da Andaluzia, região mais ao sul do país. Essas tradições estão profundamente enraizadas no povo andaluz.

Por meio de convênio da Universidade de Brasília com a Universidad de Sevilla, tive a oportunidade de viver por um ano e um mês na capital andaluza. Inicialmente, a intenção era ficar apenas um semestre por lá. Porém, apaixonei-me perdidamente pela cultura sevilhana – e pela Espanha como um todo – e solicitei a prorrogação do intercâmbio. O pedido foi aceito pela universidade espanhola e estudei lá por mais um semestre.

Durante o tempo que residi em Sevilha, inúmeros fatos chamaram a minha atenção por serem muito diferentes da cultura brasileira. Anotei cada aspecto inusitado que percebia e, hoje, acumulo dezenas de observações sobre a cidade andaluza. Todas elas me provocaram estranhamento por irem de encontro à realidade com a qual estava acostumada. Todas divertem ou espantam justamente por se chocarem com a cultura brasileira.

Eu não relatava aspectos turísticos encontrados em livros de viagem. Eram observações totalmente inusitadas e inesperadas, frutos da minha intensa vivência na cidade. Hábitos e costumes corriqueiros que precisavam ser cuidadosamente observados para serem percebidos e compreendidos. Fugui do turístico para me adentrar no dia-a-dia dos sevilhanos e no que os difere do resto do mundo.

No meu primeiro dia em Sevilha, quatro fatos logo me chamaram a atenção, e os escrevi no Facebook:

1- As pessoas daqui não sentem frio. De noite, a maioria dos bares coloca as mesas do lado de fora, num frio de 3°C, e as pessoas super ficam bebendo, fumando, conversando e se divertindo numa boa, sem perceber que é inverno e estão expostas a uma temperatura perto de 0°C na madrugada;

2- Os nenéns, sim, sentem frio. As mães colocam os bebês dentro de sacos de dormir e os enfiam dentro dos carrinhos com minicasaquinhos, miniluvinhas,

minitouquinhas e minicachezinho. É a coisa mais fofo do mundo! Super quero ter um bebê aqui para enfiá-lo em um minissaco de dormir e passear com ele por aí;

3- Esse fato é besta, mas achei engraçado. Quando passamos cartão de crédito, a máquina não pede a “senha”. Pede o “número secreto”. Me senti super James Bond digitando meu número secreto;

4- Os carros daqui são mais disciplinados para parar na faixa de pedestres do que os de Brasília.

A repercussão do post foi a maior que eu já havia tido em redes sociais (recebi cerca de 200 curtidas e vários comentários). No dia seguinte, decidi tentar de novo e escrevi mais quatro observações:

- 1- Absorventes são três vezes mais caros aqui do que no Brasil. Em compensação, são três vezes mais perfumados;*
- 2- Geral anda de bicicleta. Há bicicletas públicas para serem alugadas em vários pontos da cidade, há muitos “estacionamentos” de bicicletas e as ciclovias são extensas, largas e, o mais importante, respeitadas. Pessoas de todo o tipo optam por se locomover de bike, inclusive, jovens vão para a balada de bicicleta;*
- 3- Não há muitas latas de lixo na cidade. Mesmo assim, ela é superlimpa e bem cuidada. Diferentemente do povo brasileiro, os sevilhanos são educados para não jogar lixo no chão e preservar os patrimônios de sua cidade;*
- 4- Estacionar carros aqui é um horror. As vagas são praticamente todas de baliza e são apertadíssimas. Tanto que é muito comum os carros baterem de frente e de trás quando estão estacionando. Os para-choques e para-lamas são todos estropiados.*

A repercussão também foi grande e me motivou a continuar escrevendo. Os fatos, que começaram bem superficiais, passaram a se aprofundar cada vez mais na cultura espanhola. Quanto mais eu me inseria no cotidiano sevilhano, mais eu reparava no que distinguia minha nova rotina da antiga. As impressões começaram a encontrar explicações na origem da Espanha, na história da região andaluza.

Eu sempre escrevia as observações de quatro em quatro, e os “4 fatos de Sevilha” (como ficaram conhecidos) se transformaram em uma série que as pessoas acompanhavam, curtiam, comentavam e compartilhavam. Usuários que não me conheciam passaram a me adicionar no Facebook para seguir os posts. Alguns amigos de Sevilha começaram a me sugerir novos fatos que se diferenciavam da realidade com a qual eu estava acostumada. Quando eu passava muitos dias sem postar, as pessoas me cobravam os “4 fatos de Sevilha”.

Estas postagens nas redes sociais foram uma maneira que encontrei de compartilhar com meus amigos todas as experiências curiosas e encantadoras que vivia pelas terras andaluzas. Claro que estes fatos eram uma maneira muito limitada de descrever Sevilha, que é indescritível. É preciso vivê-la para senti-la. Mas acho que consegui transmitir pelo menos um pouco da essência andaluza.

Por ser uma rede social informal, os fatos eram escritos em linguagem coloquial, que atraísse mais o interesse dos meus seguidores e não fosse muito maçante. Como na época em que escrevi meu público alvo eram os usuários do Facebook, precisei formalizar a linguagem para realizar este trabalho.

Vivi na capital da Andaluzia de 23 de janeiro de 2014 a 16 de fevereiro de 2015. Durante este período, nunca parei de encontrar curiosidades e hábitos que me chamassem a atenção na cidade.

Nesse trabalho, usei as dezenas de observações que acumulei para mergulhar a fundo na cultura andaluza e escrever um livro de crônicas sobre a cidade.

2. PROBLEMAS DA PESQUISA

Este projeto surgiu de uma inquietação intelectual decorrente das inúmeras diferenças culturais entre a Andaluzia e o resto do mundo. Nesse sentido, surgiram algumas questões que norteiam a construção das crônicas:

- Quais os principais elementos que caracterizam a cultura sevilhana?
- Quais são os hábitos e costumes mais característicos dos sevilhanos?
- Quais as origens dos costumes da região?
- A história da Andaluzia consegue explicar por completo a identidade de Sevilha?
- Como o domínio árabe influenciou a região?
- Como o clima influencia?
- Há resquícios da ditadura de Franco (1939-1975)?

Na tentativa de esclarecer estes e outros questionamentos, o projeto se propõe a analisar a história de Sevilha e se aprofundar nos costumes locais, de maneira dinâmica e informativa, para melhor compreender a cultura andaluza.

3. JUSTIFICATIVA

O jornalismo me proporciona um olhar crítico cada vez mais aguçado. Foi esse olhar, juntamente com a curiosidade jornalística, que me permitiu observar atentamente tantos aspectos que passaram despercebidos por outros brasileiros que viviam em Sevilha.

Impressionei-me com o enorme interesse das pessoas pelos fatos curiosos de outro país quando eu fazia os posts no Facebook. Mesmo aqueles que nunca haviam ouvido falar da cidade na qual eu estava vivendo, interessavam-se, liam e pediam mais.

Os relatos sobre Sevilha feitos por meio de mais de cem tópicos foram inéditos. Ainda mais porque os tópicos não são abordados em qualquer livro de viagem, nem em guias sobre a Espanha ou sobre a Andaluzia. Foram observações feitas por uma brasiliense, estudante de jornalismo, na nova realidade em que foi viver por mais de um ano.

O trabalho promove grande enriquecimento cultural, por se aprofundar na cultura de uma cidade no sul da Espanha que esteve por mais de 800 anos sob domínio árabe antes de ser reconquistada pelos cristãos, cheia de história e peculiaridades.

3.1 POR QUE CRÔNICA?

A intenção inicial, definida no pré-projeto, era fazer um livro-reportagem sobre as diferenças culturais entre Sevilha e Brasília, afinal, a cultura sevilhana apenas me causou estranhamento porque eu estava acostumada com a cultura brasileira – mais especificamente com a de Brasília, cidade onde nasci e cresci. Para os andaluzes, os elementos observados não chocam nem impressionam, pois é a realidade deles. O que me chamava atenção era normal para os sevilhanos. Por isso, queria mostrar por meio das reportagens que o olhar de brasiliense e a bagagem cultural que carrego foi o que proporcionou estranhamento com diversos hábitos sevilhanos.

O livro-reportagem teria entrevistas com pesquisadores espanhóis e professores da Universidad de Sevilla sobre costumes e situações relacionadas à cultura andaluza em geral. Seria uma tentativa de decifrar como se configuram as diferenças entre a cultura sevilhana e a cultura brasiliense e como se originaram os hábitos “estranhos” de cada lugar.

Na obra *Páginas ampliadas* (1993), Edvaldo Pereira Lima aborda a importância da entrevista para o entendimento e credibilidade do livro-reportagem: “Como parte em busca do aprofundamento, o livro-reportagem quase sempre despreza a espetacularização nas entrevistas, realizando-as na maioria dos casos com o propósito de compreensão. (...) É usual a entrevista aparecer, como um depoimento coletado, na condição de simples aval de um tema que se discute”. (LIMA, 1993, p. 107).

Por ser uma cidade jovem, com menos de 60 anos, que recebeu – e ainda recebe – inúmeras pessoas de todas as partes do país que vêm viver aqui, Brasília é dona de intensa mescla cultural. No Distrito Federal, há características de todos os estados do Brasil, trazidas e perpetuadas pelos candangos que ajudaram a construir a cidade. Hoje, as pessoas continuam a vir, principalmente por causa dos diversos concursos públicos que oferecem bons empregos e estabilidade financeira.

Como a capital federal apresenta traços culturais de todas as partes do Brasil, ela poderia representar o país como um todo. Ao contrapor a cultura do sul da Espanha com a cultura de Brasília, posso ter uma comparação aproximada dos costumes sevillhanos com os brasileiros em geral.

Contudo, a relação é complicada de ser feita, pois, a não ser pelo fato de Brasília e Sevilha serem as quartas maiores cidades de seus países, elas não têm nada em comum. A capital andaluza é uma cidade milenar, com centenas e centenas de anos de história, localizada no continente que explorou intensamente a América por bastante tempo, enquanto a capital brasileira foi construída há menos de 60 anos e faz parte de um país que não tem nem 200 anos de independência. Então, comparar as respectivas culturas não faria sentido.

Ao apresentar a ideia do projeto ao orientador, Prof. Dr. Paulo Paniago, chegamos à conclusão de que o mais adequado seria tratar especificamente da cidade de Sevilha e suas peculiaridades e que crônicas seriam a melhor forma de retratá-la.

José Marques de Melo, na obra *A opinião no jornalismo brasileiro* (1985), define crônica: “(...) relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária” (MELO, 1994, p. 146). Logo em seguida, completa a definição: “Foi com esse sentido de relato histórico que a crônica chegou ao jornalismo. Trata-se do embrião da

reportagem. Ou seja, uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo” (MELO, 1994, p. 147).

A intenção era construir o projeto final com base nas observações que fiz durante o ano em Sevilha, então analisei cuidadosamente as dezenas de anotações e as dividi por temas (gastronomia, moda, influência árabe, arquitetura, religião, educação, música etc.). Cada percepção carrega diversos acontecimentos interessantes por trás, várias vivências pessoais para que as observações fossem registradas. A maneira com que percebia as diferenças culturais transparece minha personalidade e minha forma de enxergar o mundo.

O objetivo do projeto passou a ser apresentar Sevilha por meio de textos que fossem ao mesmo tempo informativos, divertidos, leves e dinâmicos, para que a informação não fosse transmitida de maneira maçante. Sempre tive afinidade enorme com a crônica e com a maneira como os cronistas inserem nos textos elementos do cotidiano, muitas vezes considerados normais, para criar relações divertidas, engraçadas e inusitadas.

No livro *Redacción periodística* (1974), José Luis Martínez Albertos diz que a crônica latina assume caráter tipicamente informativo, mesclado porém de elementos que revelam a percepção pessoal do autor. Seu conceito de crônica é o seguinte: “Narração direta e imediata de uma notícia com certos elementos valorativos que sempre devem ser secundários a respeito da narração do fato em si. Procura refletir o acontecimento entre duas datas” (MARTÍNEZ ALBERTOS, 1974, p. 123).

Foi o que decidi fazer: narrar acontecimentos do meu cotidiano em Sevilha que me chamaram a atenção por motivos específicos. Dessa forma, as informações viriam acompanhadas das minhas percepções pessoais e a cidade seria apresentada do meu ponto de vista.

A inspiração crucial para a decisão pela crônica foi o livro *Crônicas de um país bem grande*, do estadunidense Bill Bryson. A obra é uma coletânea de crônicas escritas por Bryson para uma revista britânica. Após viver 20 anos na Inglaterra, o autor volta aos Estados Unidos, país de origem, e se assusta com as inúmeras mudanças no local onde crescera. Então, passa a escrever, de duas em duas semanas, para a revista inglesa *Mail on Sunday's Night & Day* sobre o processo de readaptação e retomada de relação com a terra natal.

As 64 crônicas de Bryson sobre aspectos chocantes e surpreendentes da cultura norte-americana reunidas no livro me inspiraram a seguir a mesma linha. Decidi escrever crônicas sobre os aspectos diferentes e chamativos das terras andaluzas.

4. OBJETIVOS

Este livro tem como principal objetivo apresentar uma cidade do sul da Espanha, não tão conhecida, a pessoas que geralmente não pensariam em conhecê-la. O público alvo não é exclusivamente o viajante ou o morador de Sevilha, mas todos os brasileiros.

Visto que os “4 fatos de Sevilha” chamaram bastante a atenção de diversos tipos de pessoas nas redes sociais (de diferentes faixas etárias e classes sociais), a ideia é justamente tentar atingir o público alvo mais amplo possível. O desafio é construir, ao mesmo tempo, um produto jornalístico atraente aos olhos daqueles que pouco conhecem a Espanha, ou talvez nada saibam sobre o país, e também daqueles mais aficionados por viagens. O foco deste trabalho, portanto, abrange pessoas de todas as faixas etárias, de ambos dos gêneros, que gostem de cultura, história, viagens ou crônicas em geral.

Sendo assim, sei que, durante a construção das crônicas, preciso levar ao ouvinte informações básicas, como por exemplo o que são *tapas*, mas também tratar de aspectos pouco abordados sobre o tema, como as raízes romanas, árabes e judaicas da cidade, os horários de funcionamento dos estabelecimentos em geral e os resquícios da ditadura franquista.

O resultado esperado é escrever crônicas que abordem o máximo possível de assuntos interessantes relacionados a Sevilha presentes nas observações que fiz no período em que vivi na capital andaluza, com a garantia de que todos os assuntos sejam bem explicados. É importante lembrar que, devido ao fato de o produto não se restringir apenas ao público de viajantes e moradores da Espanha, o desafio de prender a atenção do leitor é ainda maior. Para isso, incluí nas crônicas diversos casos divertidos, embaraços e histórias pessoais, de forma que os textos fiquem mais convidativos, dinâmicos e compreensíveis a todo tipo de leitor.

O objetivo foi abordar a cidade por diversos ângulos, mostrar diferentes olhares, para dar o máximo de informação ao receptor e levá-lo a tirar as próprias conclusões a respeito da capital da Andaluzia.

5. REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Inicialmente, é importante definir o que é jornalismo, reportagem, livro-reportagem e crônica, assim como dar exemplos de crônicas e grandes reportagens que se transformaram em livro e mostrar a importância que o jornalismo tem na sociedade contemporânea, para contextualizar o trabalho dentro do âmbito jornalístico. Nelson Traquina, um dos principais teóricos da comunicação na atualidade, na obra *O que é jornalismo*, define o termo poeticamente no seguinte trecho:

podia-se dizer que o jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimento e de mortes, tal como nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. Uma breve passagem pelos jornais diários vê a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à cultura, à arte, aos livros, aos media, à televisão, e cobre o planeta com a divisão do mundo em local, regional, nacional (onde está essencialmente a política do país) e internacionalmente. Um exame da maioria dos livros e manuais sobre o jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante. Isto inclui praticamente a vida, o mundo e o “outer limits”. (TRAQUINA, 2008, p. 15)

Dominique Wolton, doutor em sociologia, jornalista e estudioso da área da comunicação, ressalta no livro *Pensar a comunicação* que a função do jornalista não se esgota em simplesmente informar o público. Essa atividade já não é suficiente em um universo “afogado”, saturado de informações. Como diria Wolton, “o volume cada vez maior de informações reforça o papel do jornalista como mediador entre o mundo e os cidadãos” (WOLTON, 2004, p. 311). Diante disso, o jornalista é a pessoa e profissional responsável por transmitir informações, fatos e acontecimentos para a sociedade em geral da forma mais verossímil e objetiva possível, ainda que a verdade absoluta seja utópica devido aos valores e preceitos seguidos tanto pelo profissional quanto pela empresa na qual ele trabalha, os quais podem interferir na interpretação e transcrição dos fatos no processo de produção e transmissão das notícias. De qualquer forma, a responsabilidade e papel do jornalista perante a sociedade é indiscutível.

A pesquisa, a apuração dos acontecimentos, assim como a triagem, portanto, a seleção e a hierarquização dos fatos, devem fazer parte do processo produtivo do jornalismo. Segundo Wolton, na obra *Elogio do grande público* (1996), “quanto mais informação existe,

mais o papel do jornalista, sem dúvida arbitrário, consiste em organizar e não em se ‘esquivar’, deixando esse trabalho para ser feito pelo destinatário final, o espectador” (WOLTON, 1996, p. 145). Sendo assim, o profissional deve considerar, na elaboração das notícias, a necessidade de explicação dos acontecimentos, contextualizando o público em sua realidade.

Aos jornalistas, portanto, é atribuído o papel de “espectadores” das histórias, tarefa a qual dá sentido ao trabalho desses profissionais. A transmissão de uma informação requer tempo, apuração e pesquisa, além de técnicas específicas para sua confecção. Essa tarefa, caracterizada por Wolton como “artesanal”, é o que diferencia os profissionais de imprensa dos demais “informadores”, provenientes das novas tecnologias de transmissão de mensagens. A informação, desta maneira, é o cerne do trabalho jornalístico, não devendo, para o sociólogo, ser desvalorizada ou substituída e “quanto mais há informação, comentários e opiniões, mais a função do jornalista como mediador para selecionar, organizar, hierarquizar a informação é indispensável” (WOLTON, 2004, p. 300-1).

Tom Wolfe, no livro *Radical chic e o Novo Jornalismo* (2005), ao explicar as pretensões do Novo Jornalismo – movimento que potencializou a prática do jornalismo literário, nos anos 1960 –, afirmou que esta proposta de narrar os fatos tem como objetivo oferecer ao leitor um texto tão emocionante quanto uma trama ficcional (WOLFE, 2005). Neste sentido, diz Wolfe, a reportagem é para ser lida como se fosse um romance.

Desde os anos 1960, quando surgiu, o Novo Jornalismo é alvo de críticas sob o argumento de que seus textos estão mais próximos da ficção do que da verdade dos fatos. O texto dos novos jornalistas potencializou o modo de escrever reportagens, fortaleceu o jornalismo literário. No entanto, a rejeição, de uma maneira ampla, carece de argumentação. Muitas vezes, fica restrita à relação entre o jornalismo tradicional, objetivo, que busca, essencialmente, o fato – e, por isso, “o jornalismo de verdade” –, e o jornalismo que se arrisca demais ao percorrer um caminho muito próximo da ficção, a partir do uso de ferramentas textuais próprias da literatura.

Além disso, para ilustrar o hibridismo entre reportagem e romance que se observa neste modelo de narrativa, o estudo apresenta exemplos que podem dar indícios da íntima relação entre os elementos essenciais que consolidam o Novo Jornalismo e a narrativa de livros-reportagem do jornalista brasileiro Caco Barcellos.

Em *Novo Jornalismo: reflexões sobre a relação entre reportagem e romance*, Juan Domingues diz que a década de 1960 do século XX foi a década da revolução dos costumes e questionamentos, cuja moldura foi confeccionada, especialmente, pela alteração de comportamento social (DOMINGUES, 2013, p. 188). Teóricos já escreveram que o jornalismo nasceu no berço da literatura, mas acabaram se tornando gêneros distintos a partir da delimitação de objetivos. O primeiro exige o relato dos fatos. O segundo se ocupa da fantasia e da ficção. É razoável dizer que o Novo Jornalismo, por sua vez, apresenta textos a partir de exaustiva investigação, proximidade do repórter com o fato e visão ampla do objeto sobre o qual se ocupa. Ao mesmo tempo, expõe claramente as ferramentas da literatura em suas narrativas. Por uma razão muito simples: o Novo Jornalismo tem suas bases fundadas no romance. Especialmente no romance norte-americano.

Tom Wolfe, um dos ícones do movimento criado nos anos 1960 do século passado, costuma afirmar que a narrativa jornalística precisava refletir aquela década de profundas mudanças sociais, políticas e comportamentais, marcada pela negação à tradição, à família, à religião, à corrida armamentista das grandes potências. Atentos ao que se passava na sociedade norte-americana, os novos jornalistas se ocuparam em retratar essa realidade por meio do texto. Um texto informativo, mas com base nas características ficcionais do romance realista. E propagaram a ideia de que criaram uma nova forma jornalística de narrar acontecimentos.

O jornalista Eduardo Belo, na obra *Livro-reportagem* (BELO, 2006), é referência importante para a conceituação do formato de reportagem “livro-reportagem”, o qual está inserido no âmbito do jornalismo literário. Algumas reportagens não terminam ao serem publicadas em jornais ou revistas. Elas exigem mais entrevistas, apurações detalhadas, busca de novas informações e, finalmente, mais espaço. Assim, biografias, temas históricos, perfis, memórias e relatos de grandes acontecimentos podem se transformar em livros-reportagem. Belo fala da profissão, dos cuidados necessários para escrever um livro e fornece dicas valiosas de planejamento do trabalho. Mostra, ainda, de forma clara e abrangente, como o livro-reportagem avança as fronteiras do jornalismo diário e mergulha profundamente nos fatos, nas personagens e nas situações, que podem – e, muitas vezes, devem – ter abordagens diferentes, originais, criativas, menos urgentes e mais aprofundadas.

Alguns exemplos de livro-reportagem são os de Caco Barcellos (*Abusado – O dono do Morro Santa Marta e Rota 66*) e os de Jon Krakauer (*No ar rarefeito e Na natureza selvagem*).

Com o livro *Abusado – O dono do Morro Santa Marta*, Caco Barcellos foi pela segunda vez vencedor do Prêmio Jabuti (mais importante prêmio literário do Brasil), como melhor obra de não-ficção do ano de 2004. Trata-se de uma reportagem investigativa sobre a entrada do Comando Vermelho na favela Santa Marta, no Rio de Janeiro, e a formação de uma geração de traficantes.

Como introdução aos estudos e conceitos antropológicos, o autor Angel B. Espina Barrio, doutor em psicologia social pela Universidade de Salamanca, na Espanha, é útil para explicar procedimentos metodológicos e a importância deles no âmbito dos estudos culturais. Barrio, no livro *Manual de antropologia cultural*, define etnografia como “escrever sobre povos”, disciplina mais próxima de dados empíricos, com enfoque predominantemente descritivo utilizando como técnicas de coletas de dados o trabalho de campo, principalmente, e as contribuições arqueológicas. Ainda conforme outro estudioso chamado Michael Genzuk, no artigo *A Synthesis of Ethnographic Research* (1993), etnografia pode ser descrita como “um método de olhar de muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação, que envolve três formas de recolher dados: entrevistas, observação e documentos” (GENZUK, 1993). Segundo Genzuk, essas três formas, por sua vez, produzem três tipos de dados: citações, descrições e excertos de documentos, os quais resultam na descrição narrativa, a qual pode incluir gráficos, diagramas e artefatos, que ajudam a fazer uma narrativa completa.

Contudo, creio que meu trabalho aproxima-se mais da etnologia, a qual, segundo Barrio (1996), “vai além da descrição e pretende comparar, analisar as constantes e variáveis que se dão entre as sociedades humanas, e estabelecer generalizações e reconstruções da história cultural” (BARRIO, p. 21, 1996), tendo em vista que descrevi costumes e características peculiares da cultura andaluza e tentei entender cada um deles.

Outro estudioso utilizado é o antropólogo Franz Boas, o qual em seu livro *Antropologia cultural* discorre acerca da antropologia utilizada como ferramenta para entender os estudos culturais. Segundo Boas (2005):

somos levados a considerar cultura como uma totalidade em todas as suas manifestações, enquanto no estudo da difusão e do desenvolvimento paralelo, a natureza e a distribuição de traços isolados são mais comum ente os objetos da investigação. Invenções, vida econômica, estrutura social, arte, religião e moral, todas estão inter-relacionadas. Indagamos em que medida elas são determinadas pelo ambiente, por características biológicas da população, por condições psicológicas, por eventos históricos ou por leis gerais de inter-relação. (BOAS, 2005, p. 103)

Boas diz ainda que o problema a ser analisado pela antropologia cultural deve ser estudado em sociedades vivas e atuais, e que a história não determina as relações dinâmicas ao ambiente cultural, embora essas sejam resultado de um processo histórico. Apesar disso, a história da cultura em questão não deve ser deixada de lado, pois ela concede indícios e pistas para comportamentos e costumes atuais.

A intenção de unir o jornalismo com as informações coletadas em Sevilha e a antropologia cultural, levou-me ao conceito de livro-reportagem-retrato, encontrado na obra *Páginas ampliadas* (1993), de Edvaldo Pereira Lima:

não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do abjeto em questão. Visa elucidar, sobre tudo, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade. (LIMA, 1993, p. 53)

Na busca pela melhor forma de retratar a capital andaluza em um livro-reportagem, cheguei a outro conceito de Lima, também na obra *Páginas ampliadas*. Livro-reportagem-viagem, que se encaixa ainda mais com minha proposta:

Apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local. Difere do relato meramente turístico, ou daquele dotado de romantismo e exotismo típicos aos viajantes não treinados profissionalmente no escrever, por ter nítida preocupação com a pesquisa, com a coleta de dados, com o exame de conflitos. O conhecimento constrói-se, ao longo do livro, por via da ótica jornalística, alicerçada por recursos advindos de diversos campos do saber moderno (...) A classificação proposta não pode ser considerada final, porque novas variedades podem surgir, em decorrência da flexibilidade e da criatividade peculiares ao livro-reportagem. (...) Na prática é possível que títulos se enquadrem simultaneamente em mais de uma classificação. As modalidades mesclam-se, combinam-se, muitas vezes. (LIMA, 1993, p. 58-9)

A afinidade com o conceito de livro-reportagem-viagem me fez ler mais sobre jornalismo de viagens e jornalismo de turismo. No artigo *Jornalismo de viagens: análise das principais revistas brasileiras* (2012), publicado pela Universidade do Vale do Itajaí, Karine Wenzel e Valquíria Michela John defendem o crescimento deste segmento especializado:

Embora seja um fenômeno ainda recente e pouco explorado, as publicações sobre viagens começam a representar uma fatia significativa também entre as revistas especializadas. Prova disso são as revistas (...) National Geographic Brasil, Viaje Mais e Viagem e Turismo, que independente de formato, linha editorial ou tema, atualmente figuram entre as revistas mais lidas. (WENZEL; JOHN. 2012, p. 4)

O projeto final poderia se inserir no jornalismo de viagens, poderia ser um livro-reportagem-viagem, poderia ser um retrato. Faltava estabelecer, por fim, a melhor forma de escrevê-lo – a linguagem mais apropriada, o gênero textual mais adequado, como seria mais atraente para o leitor, como estaria dividido.

Sempre tive muita afinidade com crônicas, desde o primeiro livro do gênero que li, em 2003, quando tinha 10 anos de idade. A obra, chamada *Crônicas I*, é uma coletânea de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga – grandes responsáveis por consolidar a crônica moderna no Brasil –, da coleção *Para gostar de ler*. As narrações curtas que exploravam fatos cotidianos (geralmente banais) de maneira divertida me encantaram. O gênero tornou-se um dos meus preferidos.

Foi enorme a coincidência quando abri a obra *A opinião no jornalismo brasileiro* (1994), de José Marques de Melo, e encontrei diversos trechos que falam da importância dos quatro autores do meu primeiro livro de crônicas para a consolidação do gênero no Brasil. Um destes trechos diz:

A crônica que se pratica no Brasil a partir da década de 30, tendo em Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mende Campos seus principais cultores, representa uma continuação do gênero que Machado de Assis e José de Alencar haviam sedimentado em nosso jornalismo. Mas os novos cronistas dão-lhe uma dimensão especial. (MELO. 1994, p. 154)

Ao discorrer sobre as principais características do gênero jornalístico, Melo escreve: “(...) o cronista (...) mantém o ‘ar despreocupado’, de quem está falando coisas sem maior

consequência. Esse é um traço essencial da crônica moderna, que assume o ar de ‘conversa fiada’, de apreciação irônica dos acontecimentos, deixando de ser o ‘comentário mais ou menos argumentativo e expositivo’ que se praticava nos fins do século passado” (MELO, 1994, p. 156).

Ao ler o livro *Províncias – Crônicas da alma interiorana* (2013), de Marcelo Canellas, vi que poderia fazer algo similar. Na obra, Canellas escreve crônicas afetivas sobre sua cidade natal, Santa Maria (RS). Qualquer insignificância do dia-a-dia, como o aroma do café passado no coador de pano, a imobilidade de uma estátua-viva na praça, a desmontagem da lona de um circo, ganha renovada dimensão nos relatos. Eu também queria redimensionar Sevilha por meio dos meus relatos.

Outra grande inspiração literária foi a obra baseada em fatos reais *Um ano na Provence* (2013), de Peter Mayle. O autor e sua mulher, ingleses, resolveram morar em uma casa rural no sul da França e largaram tudo. Em seu primeiro ano na Provence (região francesa onde foram morar), Mayle, ex-publicitário inglês, realizou um registro mês a mês de sua ambientação à nova realidade e suas incríveis descobertas e surpresas. A começar pela gastronomia e pela paisagem, passando pelos hábitos interioranos dos franceses e as diferenças culturais. Tudo contado em detalhes, com descrições deslumbrantes e humor refinado.

Apesar de o livro de Mayle haver me instigado bastante, a maior inspiração foi a obra *Crônicas de um país bem grande* (2001), do jornalista Bill Bryson, sobre o qual falei na justificativa desta memória. Quando, em meados da década de 1990, Bryson voltou aos Estados Unidos (seu país de origem), depois de viver por 20 anos na Inglaterra, levou um susto. O país onde nascera e fora criado havia mudado bastante. O livro reúne 64 crônicas escritas originalmente para a revista inglesa *Mail on Sunday's Night & Day*, sobre a nova vida no antigo país.

A obra *A crônica brasileira do século XIX – Uma breve história* (2014), de Marcus Vinicius Nogueira Soares, ajudou-me a compreender o surgimento do gênero e suas características. O livro trata da formação e consolidação da crônica no Brasil do século XIX, a partir da análise exaustiva dos textos em seu suporte de origem, o jornal, tendo em vista as condições históricas de produção, difusão e recepção que tornaram possível o

desenvolvimento do gênero. Soares também estuda os diferentes estilos de crônica no século XIX.

Toda esta bagagem teórica consolidou minha decisão de escrever um livro de crônicas com base nas observações culturais que fiz ao longo de um ano e um mês no sul da Espanha.

6. METODOLOGIA

Embora eu ainda não soubesse, a construção do projeto começou logo no primeiro dia de intercâmbio, em 23 de janeiro de 2014, quando tive as primeiras impressões da nova cidade onde iria viver. Foram 13 meses inserida na realidade sevilhana, durante os quais observei atentamente cada detalhe e anotei tudo o que achava interessante. Apurei, recebi sugestões de pauta, pesquisei, investiguei, conversei com a população local, vivi os costumes andaluzes e escrevi sobre eles.

Por mais banais que os fatos sobre Sevilha pudessem parecer, eles envolviam cuidadoso processo de observação. Por exemplo, em 11 de fevereiro de 2014, no início do meu tempo na capital andaluza, publiquei no Facebook: “A grande maioria das pessoas aqui só usa meias pretas. Os poucos que não estão com meias pretas, estão com meias coloridas. Não consigo me lembrar de ter visto ninguém com meias brancas nessa cidade”.

O caso das meias me deixou intrigada e resolvi apurar. Pegava ônibus de segunda a sexta para ir a faculdade e olhava os pés de todos os passageiros. Apenas meias pretas (ou de cores escuras). Na sala de aula, olhava os pés dos alunos e a maioria das meias era de cor negra. Caminhava pelas ruas e não via meias brancas. Certo dia, fui comprar essa peça de roupa, mas nas lojas só havia pares de tons escuros. Quando conversei com alguns colegas espanhóis sobre o assunto, não entenderam o motivo de eu estar intrigada com as peças escuras e me perguntaram qual cor utilizava no meu país. Quando respondi que, no Brasil, o mais comum era meia branca, acharam estranho. Para eles o normal é preto. O branco causava estranhamento para os espanhóis. Disseram que meias brancas deveriam sujar e encardir com muita facilidade e que essa cor não era comum na Espanha. Por não haver oferta de meias brancas nas lojas da Espanha, praticamente não há nem possibilidade de adquiri-las.

Infelizmente, não consegui desvendar exatamente o motivo dessa característica da moda espanhola. É algo que já está incrustado há muitos anos. Da mesma forma que não sei porque meias brancas são mais aceitas pelos brasileiros. Apesar deste mistério, a origem de outros hábitos foi facilmente desvendada por meio da análise da história da cidade e do país como um todo.

Mergulhei na história da Espanha para compreender a cultura do país de forma mais completa. Vi que, durante o franquismo (1939-1975), o ditador Francisco Franco alterou o

horário do país para alinhá-lo com o fuso da Alemanha nazista e da Itália fascista. Entendi que o fato de espanhóis apenas assistirem filmes dublados remonta a esta ditadura, pois Franco proibiu americanismos e filmes em outros idiomas. Percebi claramente na arquitetura e na gastronomia a influência resultante do domínio árabe de quase 800 anos na região.

Às vezes, a origem dos hábitos não estava na história de Sevilha. Havia outros fatores determinantes, como o clima. Com verões de quase 50°C, os andaluzes passaram a tomar sopas e cafés gelados, afinal, é difícil ingerir alimentos quentes quando até os estabelecimentos fecham por causa do intenso calor.

Eu pensava que os fatos curiosos se esgotariam em poucos meses e que chegaria um momento em que eu fosse parar de me surpreender com as diferenças culturais. Porém, isso não aconteceu. Escrevi impressões inusitadas sobre Sevilha até a minha última semana na cidade.

Como muitas pessoas sugeriam que eu fizesse um livro com os fatos de Sevilha e a repercussão no Facebook era grande, comecei a guardar com cuidado todas as minhas anotações. Trouxe de volta para o Brasil um documento de Word com dezenas de páginas que continham curiosidades culturais sobre a Andaluzia. A vontade de transformar estas anotações em algum projeto maior já existia, mas ainda não sabia exatamente o que fazer com elas.

Quando cursei a disciplina pré-projeto, sob orientação do Prof. Dr. David Renault, conversei com ele sobre a possibilidade de transformar a apuração feita no intercâmbio no meu projeto de conclusão de curso em jornalismo. A ideia foi muito bem aceita. O professor me deu sugestões de diversas possibilidades de projetos nos quais as observações sobre Sevilha poderiam resultar. No fim da disciplina, a ideia era transformar os fatos de Sevilha em um livro-reportagem.

Para o projeto final, busquei orientador que tivesse bastante afinidade com jornalismo literário, caminho que pretendia seguir com o trabalho de conclusão de curso. Ao longo da graduação, já havia feito duas disciplinas com o Prof. Dr. Paulo Paniago e me lembrava bem de seu vasto conhecimento na área da literatura. Convidei-o para me orientar no projeto que exploraria o limiar entre a literatura e o jornalismo. Felizmente, ele aceitou.

Como expliquei na justificativa desta memória de projeto, em reuniões com o orientador, decidi que o gênero textual mais apropriado para a forma como desejava escrever

o livro seria a crônica. A apuração já estava feita. O primeiro passo seria transformar as observações que haviam sido anotadas em forma de itens em textos completos, dinâmicos, informativos e divertidos.

Em agosto de 2016, quando fui começar a produção do livro, li e reli cada fato de Sevilha diversas vezes e os separei por temas (temperatura, educação, segurança, expressões linguísticas, meios de transporte, bebidas etc.). A intenção era que cada tema se tornasse um capítulo do livro.

Depois de separar por assuntos específicos, fiz uma lista com um *brainstorming* de cada crônica que gostaria de escrever. A lista contém ideias para 27 crônicas. No fim, escrevi 39. Com base no *brainstorming*, comecei a produzir as crônicas. Tinha reuniões semanais com o orientador e, a cada reunião, levava algumas crônicas, enquanto ele me devolvia os textos que eu havia levado na semana anterior corrigidos.

Quanto mais eu escrevia, mais ideias surgiam e novas crônicas eram concebidas. Desisti de separar o livro por capítulos com temas específicos, pois os assuntos se misturavam bastante nos textos. Por exemplo, em uma crônica sobre bebidas, acabava falando também sobre temperatura, horários e afazeres domésticos. Ou, em uma sobre música, discorria sobre religião e sobre a Idade Média. Tornou-se pouco viável distinguir assuntos que se mesclavam tanto.

Inicialmente, a intenção era que todas as crônicas tivessem praticamente o mesmo tamanho. Contudo, quando comecei a produzir os textos, havia assuntos que rendiam bastante, ricos em histórias divertidas e dados interessantes, enquanto outros assuntos rendiam menos. Para deixá-las com tamanho similar, tinha duas opções: cortar diversas informações intrigantes das crônicas que haviam ficado maiores ou escrever parágrafos desnecessários para aumentar as que haviam ficado menores.

Como eu não tinha limite de linhas ou de palavras para as crônicas, da forma que aconteceria caso fossem feitas para um jornal ou uma revista, optei por deixá-las com tamanho variável. O projeto me dá liberdade para escrever o tanto que julgar necessário e usei esta liberdade para não me prender ao número de caracteres em cada texto produzido.

Produzi crônicas semanalmente de setembro a novembro. Elas não foram escritas na ordem que estão no livro. Eram redigidas de acordo com minha inspiração no momento.

Havia momentos em que estava mais inspirada para falar da vida noturna na cidade, em outros momentos estava mais disposta para escrever sobre os estereótipos brasileiros na Espanha. Dessa forma, foram compostas totalmente fora de ordem.

Em meados de novembro, parei de produzir crônicas, fiz as correções necessárias que o professor orientador havia indicado e estabeleci uma ordem para que começassem a ser diagramadas. Trabalhei por cerca de duas semanas no ajuste do livro – defini tamanho, fonte, capa e revisei todos os textos.

O título do livro foi definido em outubro enquanto fazia *brainstorming*. A ideia era colocar elementos citados nas crônicas que representassem Sevilha e chamassem a atenção dos leitores. O último elemento do título (“meias pretas”) quebra com a obviedade dos estereótipos espanhóis anteriores (“touros, *tapas*”), pois não é de conhecimento geral que as pessoas daquele país preferem essa cor de meia.

Enquanto produzia crônicas, também li livros que me inspiraram bastante: *Crônicas de um país bem grande*, de Bill Bryson, *Um ano na Provence*, de Peter Mayle, *Províncias – Crônicas de uma alma interiorana*, de Marcelo Canellas, e *Crônicas I*, coletânea de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga, da coleção *Para gostar de ler*. Discorro no referencial teórico desta memória sobre a maneira como estes livros me influenciaram.

O livro ficou pronto no fim de novembro e, depois de levá-lo para ser impresso em uma gráfica, dediquei-me a produzir esta memória do produto.

7. CONCLUSÃO

O aumento da facilidade para viajar é notável. Passagens de avião têm preços cada dia mais acessíveis e o mundo está cada dia mais globalizado e conectado. Dessa forma, o contato com outras culturas se intensifica e conhecer lugares distantes torna-se possível. O número de sites e blogs de viagens tem crescido acentuadamente e a procura das pessoas por destinos diferentes também.

Este projeto, contudo, vai além do turístico. O foco não foram pontos que devem ser visitados, locais bonitos da região para se conhecer e dicas de viagem. O objetivo foi retratar a cultura sevilhana de maneira íntima e aprofundada, do ponto de vista de uma brasileira que passou a fazer parte daquela realidade. Grande parte dos aspectos percebidos e narrados ao longo do livro só poderiam ser notados por um ávido observador inserido na rotina andaluza.

Foram meses e meses de apuração, anotações e estranhamentos. Mais de um ano de surpresas e fatos instigantes. Quando se abre uma revista de viagens que fala sobre Sevilha, não se vê informações sobre absorventes íntimos, aulas na faculdade, propagandas do McDonald's e a moda dos tênis de plataforma. Os veículos indicam pontos turísticos e falam brevemente sobre a história da região. Em *Touros, tapas e meias pretas*, não me limitei a isso. Relatei acontecimentos pessoais para ilustrar as descobertas e justificar o que achava instigante. Falei sobre como é comum pensar que em Sevilha é permitido fumar maconha (pois os sevilhanos têm o hábito de enrolar o próprio cigarro), sobre as imagens chorosas da padroeira da cidade, Virgen de la Macarena (as lágrimas são difíceis de serem percebidas), e sobre os cantores da música *Macarena* serem sevilhanos.

O desafio foi fazer com que relatos sobre uma cidade pouco conhecida do sul da Espanha interessassem a pessoas que nunca estiveram na Europa, pouco sabem sobre a cultura espanhola e não têm intenção de pisar na Andaluzia. O público-alvo não eram apenas viajantes e pessoas que planejassem conhecer terras espanholas. Também queria atingir aqueles que não gostam tanto de viajar e que não pensam em sair do Brasil tão cedo.

Por isso, o formato das crônicas foi interessante para o projeto, pois torna o livro mais leve, menos maçante, com a escrita mais livre e que, além de trazer informações, diverte o leitor com relatos de casos inusitados.

Este foi um dos motivos pelos quais não quis colocar um título genérico no livro, como *Crônicas de Sevilha*, por exemplo. Uma obra com este título apenas atrairia pessoas interessadas pela cidade, que vivessem lá, tivessem estado lá ou fossem viajar para lá. Quando um amigo me sugeriu este título, respondi que eu nunca compraria um livro chamado *Crônicas de Düsseldorf*, pois não conheço a cidade alemã e não tenho planos de visitá-la tão cedo. Por que me interessaria por crônicas sobre ela? Mas, se o título do livro sobre Düsseldorf fosse mais chamativo, como *Salsichas, neve e Strudel*, por exemplo, as chances de que eu quisesse ler seriam muito maiores. Assim pensei em relação ao título do projeto.

Portanto, conclui-se que as crônicas fogem do senso comum do jornalismo de viagens e cumprem o papel de serem leves, ricas em informação e detalhistas em relação ao dia-a-dia sevilhano. Elas são capazes de atingir diversos públicos e imergi-los na cultura da Andaluzia.

9. REFERÊNCIAS

LIVROS

- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Textos selecionados, apresentação e tradução, Celso Castro. - 2.ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BRAGA, Rubem et al. **Crônicas I**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- BRYSON, Bill. **Crônicas de um país bem grande**. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CANELLAS, Marcelo. **Províncias – Crônicas da alma interiorana**. São Paulo: Editora Globo S.A., 2013.
- DOMINGUES, Juan. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul – v. 12, n. 24, jul./dez. 2013.
- GENZUK, M. **A Synthesis of Ethnographic Research**. Occasional Papers Series. Center for Multilingual, Multicultural Research (Eds.). Center for Multilingual, Multicultural Research, Rossier School of Education. Los Angeles: University of Southern California, 1993.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. Barueri, SP: Manole, 2009.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001. 216p.
- SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX – Uma breve história**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - Volume I. Porque as notícias são como são**. Editora Insular, 2008.
- WOLFE, Tom. **Radical chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Trad. Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

INTERNET

FINO, Carlos Nogueira. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais**. Universidade da Madeira, 2008. Disponível em:

<<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>>.

WENZEL, Karine; JOHN, Valquíria Michela. **Jornalismo de viagens: análise das principais revistas brasileiras**. Universidade do Vale do Itajaí, 2012. Disponível em:

<<http://www.ec.ubi.pt/ec/11/pdf/EC11-2012Mai-14.pdf>>.